

A filosofia do conhecimento de Leonardo Coimbra

Samuel Dimas*

1. A dialéctica intuitivo-racional do pensamento criacionista

Leonardo Coimbra define a filosofia como actividade de conhecimento e órgão da liberdade, como teoria e prática da experiência, que não se resume à análise da experiência científica, mas também à compreensão das experiências estética, ética, metafísica e religiosa¹. A filosofia do conhecimento de Leonardo Coimbra procura a unidade integral da realidade na pluralidade dos seus diferentes níveis de manifestação criadora e procura a relação entre a identidade da razão e a diversidade da experiência, a perenidade do Ser e a transitividade dos seres. A solução passará pela noção de *Razão Experimental* ou *Memória Inventiva*, que, na dinâmica da sua acção relacional, une o idêntico e o diverso, o que subsiste e o que transita².

A questão metafísica fundamental do criacionismo é a da relação entre o Uno e o múltiplo, o mesmo e o outro, o Ser e os seres, o Infinito e o finito, a imanente identidade e a imanente pluralidade³. A solução para resolver estas antinomias implica uma crítica do conhecimento que supere o materialismo e o formalismo absolutos e que recuse a perspectiva monista da fusão panteísta em nome de uma ontologia pluralista que salvguarde a fraternização teísta. Na consideração dialéctica dos diferentes níveis ontológicos da realidade e dos múltiplos níveis de experiência da consciência humana, Leonardo Coimbra vai procurar uma teoria do conhecimento que resolva a clássica oposição entre a única realidade da imobilidade do Ser, da escola de Parménides e de Zenão de Eleia, e a única realidade do movimento e do fluxo incessante da Natureza, da escola de Heraclito,

* CEFI – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

¹ Cf. *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II, Lisboa, INCM, 2009, p. 58, [69]; 65 [78]. Passaremos a citar por RE e por OC. Seguiremos como referência a edição crítica da INCM e entre parêntesis apresentaremos a paginação das primeiras edições em vida do autor.

² Cf. *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, Porto, Editor J. Pereira da Silva, 1921, in OC, vol. IV, 2007, p. 422 [213-214]. Passaremos a citar por PFAQ.

³ Cf. *O Pensamento Criacionista*, Porto, Renascença Portuguesa, 1915, in OC, vol. II., 2005, p. 280 [193]. Passaremos a citar por PC.

ou seja, o problema da relação entre o inteligível e o sensível de Platão ou o número e o fenómeno de Kant.

Assim, a solução não será a posição monista de reduzir o real a um dos pólos destas antinomias, quer em termos gnosiológicos, com a redução da realidade à subjectividade da consciência ou à objectividade dos fenómenos independentes da consciência, quer em termos ontológicos, com a indiferenciação mítica entre a ordem espiritual eterna e a ordem natural da existência cósmica, com a recondução da realidade plural à diluição no Absoluto da infinitude ou com a redução do Universo à sua manifestação existencial e contingente. A solução passará pela afirmação da existência de um Deus eterno e criador, que, na unidade plural do seu Mistério pessoal de Amor, faz o acordo do real e do ideal, através da eterna acção criadora, através da graça da sua presença na iluminação da visão mística e através da redenção cósmica que se consumará na fraternidade universal da Glória celestial⁴.

Recusando as noções de *experiência pura* e *razão pura*, Leonardo Coimbra define a actividade pensante através da noção de *razão experimental*. Concebe a experiência, não como a passiva e imediata recepção das propriedades das coisas por parte de uma consciência cognoscente sensitiva ou intelectual, mas como a activa elaboração da intuição sensível num sistema de noções, em marcha dialéctica para um conhecimento cada vez mais aprofundado, recusando a subjectividade pura das teorias idealistas e a separação entre sujeito e objecto das teorias materialistas. Exigindo uma teoria integral do ser, o criacionismo leonardino propõe uma teoria da experiência pensante, que encerra um criativo exercício dialéctico intuitivo-racional, alimentado pelo convívio com o Mistério totalizante do ser originante. Na experiência da actividade sintética da consciência, que para além de pensamento é sentimento e vontade⁵, confluem de forma correlativa o momento indutivo e o momento dedutivo, constituindo-se nela o desenvolvimento progressivo do conhecimento construtivo e criador da realidade.

A *razão experimental*, dinâmica, livre e relativista, apresenta-se em oposição à razão monista da identidade pura de origem eleática e em oposição à razão silogística aristotélico-escolástica de carácter estático e abstracto; em oposição à razão apriorista kantiana e à razão fenomenológica husserliana, que impõem os valores e as formas da consciência à realidade apreendida, num processo tendente à univocidade do ser; em oposição à razão conceptual absolutista hegeliana, que, na sua dialéctica necessitarista e fechada de pensa-

⁴ Cf. *RE*, p. 290 [382-383].

⁵ Cf. *O Criacionismo: Esboço dum sistema filosófico*, Porto, Renascença Portuguesa, 1912, in *OC*, vol. I, tomo II, 2004, p. 212 [169]. Passaremos a citar por C.

mentos já feitos⁶ e de coincidência entre o ser e o saber⁷, apresenta a absorção indiferenciada da pluralidade do real na unidade abstracta do Absoluto, esquecendo a experiência da inter-relação entre a acção individual e a acção social⁸.

Para o criacionismo leonardino, o pensamento humano é uma experiência dialéctica de livre e inventiva actividade criadora em cúmplice e originário convívio com o Ser que o excede: o pensamento está em radical interactividade judicativa com a realidade, não havendo cisão entre a ordem pré-tética do dado e a sua representação objectiva; o pensamento não é escravo do poder absoluto do Espírito que tudo determina e subjuga. A consciência não está fechada na transcendentalidade pura: a síntese criadora da experiência cognitiva está radicada na alteridade do real que assimila e apreende.

O formalismo e o empirismo apresentam-se, nesta perspectiva, como formas de *cousar* a realidade, impedindo a compreensão da sua dinâmica progressiva e criadora: o espaço e o tempo não podem ser admitidos como absolutos *a priori* de uma razão de identidade, como também não podem ser admitidos como *cousas* de uma experiência bruta, entendida como passiva recepção de objectos totalmente alheios ao sujeito⁹. O método criacionista concebe o acto cognitivo como um cúmplice convívio do pensamento com o Ser na unidade indivisível de intuição e razão, experiência e intelecção, emoção e vontade¹⁰. O ideo-realismo criacionista recusa o idealismo absoluto da identidade entre a inteligência e o inteligido, no reconhecimento de que o Ser é mais vasto do que a realidade conhecida e pensada.

Esta noção de excesso do Ser é o fundamento do carácter progressivo e dinâmico do conhecimento humano, que se efectiva pela concreção das leis da Razão, as quais estão sujeitas a um evolutivo acordo social. Só pela harmonização entre a *razão* e a *experiência* será possível uma teoria integral do Ser sem *cousar* a realidade em nenhuma das suas experiências parcelares¹¹. A experiência não é a recepção passiva das sensações, mas é uma síntese informada que implica características formais e materiais, ou seja, a experiência é a vida do pensamento em progressivo crescimento, impulsionado pela atitude interrogativa¹². Leonardo Coimbra apresenta a razão como a actividade de pensar e conhecer de cada homem que realiza a síntese construtiva do real num incessante esforço adapta-

⁶ Cf. C, p. 297 [241].

⁷ Cf. PFAQ, p. 378 [105].

⁸ Cf. «A insubsistência dos valores germânicos», in OC, vol. III, 2006, p. 214.

⁹ Cf. RE, p. 233 [306-307].

¹⁰ Cf. C, p. 212 [169].

¹¹ Cf. *A Luta pela Imortalidade*, Porto, Renascença Portuguesa, 1918, in OC, vol. III, 2006, p. 251 [18]. Passaremos a citar por LI.

¹² Cf. *ibidem*, p. 256 [25].

tivo de contacto com a experiência do saber social adquirido (conservação das antecipações teóricas) e com a experiência actualizante das novas sínteses (resistências experimentais do diverso)¹³.

A realidade em que vivemos, pensamos e somos é uma realidade social, isto é, uma unidade de pluralidades, que resulta da relação entre o pensamento humano social e individual num movimento de permanente e vitoriosa adaptação¹⁴. O conhecimento criacionista dos objectos ou dos fenómenos não é inato nem se constitui à maneira da *anamnese* platónica, porque a síntese nocional da consciência implica a presença da alteridade e encerra a relação entre o conhecimento subjectivo e singular e o conhecimento intersubjectivo e universal. A existência formal dos objectos, na determinação categorial ou ideal dos fenómenos, também se fundamenta na realidade cultural da consciência social.

A objectividade do conhecimento encerra um carácter histórico-social de duplo acordo do sujeito consigo e com os outros, que, na perspectiva do autor, evolui da imóvel e absoluta *razão colectiva* das comunidades míticas primitivas para a dinâmica e relativista *razão individual* da sociedade científica moderna: a certeza deixou de ser apenas social e imperativa para passar a ser também individual e livre, isto é, *acordo* de harmonia e eleição. A organização política democrática é expressão desta nova realidade. O acordo acerca da certeza deixou de ser o dos imperativos sociais da lógica participação colectiva, para passar a ser o acordo resultante do pensamento desenvolvido por cada ciência dessacratizada. O método criacionista insere-se no desenvolvimento de um pensamento construtivo, que proporciona certezas e verdades, não de opacos poderes coercivos, mas de harmonia e liberdade.

O pensamento vive, não da imposição de uma tradição social, mas da relação entre a percepção individual e a percepção social, num movimento de atenção ao mundo e ao acordo comunitário¹⁵, que permite a comunicação do que se sente, deseja e pensa e que constitui uma acção duplamente co-criadora da unidade formal e real do objecto: a acção da consciência com o real e da consciência com as outras consciências. Os objectos não são meras unidades ideais de significação, reduzindo-se à interioridade da pura esfera transcendental da consciência pensante, mas encerram uma dimensão de exterioridade, porque são constituídos na correlatividade entre a imanência da síntese e a transcendência da realidade, no que expressa de excessivo em relação ao apreendido na interioridade dessa síntese judicativa intuitivo-racional. A actividade pensante encerra uma matricial relação de desproporcionalidade com o ser, pelo que a verdade é concebida como

¹³ Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, p. 170.

¹⁴ Cf. *ibidem*, p. 177.

¹⁵ *Ibidem*, p. 172.

a demanda irrestrita do excesso do *pensamento pensante* sobre o *pensamento pensado*, no reconhecimento de que só em Deus, Mistério pessoal de inteligência infinita, se dá a Identidade do Ser absoluto com o Pensamento.

No âmbito da metodologia criacionista acerca da construção e criação dialéctica do real e acerca da inadequação do pensar com o Ser, no movimento assíntótico da razão para a verdade do Mistério, a experiência inteligente encerra uma tripla actividade: a) em *acto primeiro*, a inteligência possui a capacidade de um ver intuitivo que permite um contacto de imediata *assimilação* e *preensão* do real (Alegria)¹⁶; b) em *acto segundo*, a inteligência implica, já não a unidade relacional originária entre o sujeito cognoscente e o objecto de conhecimento, na vivência pré-categorial da comunhão matricial¹⁷, mas sim uma relação segunda ou mediata, em que se opera um exercício discursivo de racionalização, interpretação e integração dos conteúdos intuitivos assimilados (Dor); c) por fim, em acto de síntese dos diferentes níveis de experiência humana – sensível, estética, científica, ética e metafísica –, cujo labor noético judicativo ascende relacionalmente da precariedade sensório-perceptiva ao plano ideal das noções, as quais irão exigir a relação última da experiência religiosa e do *lirismo metafísico* na visão mistérica de Deus (Graça)¹⁸.

Tal como nos descreve o autor na sua obra *A Alegria, a Dor e a Graça*, na intemporalidade da radicação ontológica do pensamento no Mistério do Ser, este movimento do pensamento criacionista encerra uma dupla dimensão: cada um destes níveis de pensamento, no desenvolvimento individual e colectivo da consciência humana, encerra uma correspondência com os níveis de desenvolvimento redentor da cósmica e eterna acção criadora. A sensação matinal da alegria da Vida na imensidão deslumbrante do Infinito, que cada sujeito experimenta na aurora da sua existência e na principalidade do acto cognitivo, corresponde à Alegria da comunhão espiritual da Origem no seio de Deus. A sensação meridiana da dor no caminho interrogativo e consciente da actividade intelectual corresponde à vida que resultou da separação cósmica das criaturas dessa unidade espiritual originária, com a criação dos corpos e dos mundos materiais e contingentes. A sensação crepuscular da graça na liberdade ascensional da consciência da certeza sensível para a verdade espiritual da visão mistérica, corresponde à Graça do regresso ao coração glorioso do Ser, prefigurando na beleza e amor do mundo a perfeita e universal fraternidade do Paraíso celestial.

¹⁶ Cf. *O Homem às Mãos com o Destino*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1950 (separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, VI, 1 [1950]), in *Obras Completas de Leonardo Coimbra*, IX, Porto, Livraria Tavares Martins, 1964, p. 207. Passaremos a citar por HMD e por OCLC.

¹⁷ Cf. *A Alegria, a Dor e a Graça*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916, in *OC*, vol. III, 2006, p. 45 [10]. Passaremos a citar por ADG.

¹⁸ Cf. *RE*, p. 285 [376].

2. O conhecimento pré-categorial do ver intuitivo

No movimento do seu *acto primeiro* a actividade pensante faz a experiência atemática da sua radicação originária no Mistério do Ser, numa dimensão que está aquém e além do pensamento dianoético ou discursivo. A experiência ontológica é uma relação de convívio do pensamento com a realidade que vai da relação arquétipa da Alegria originária, em que o ser se dá intuitivamente, para a espiritual relação libertadora da Graça, em que o ser se dá contemplativamente. Num caso e noutro o ser surge ao pensamento envolvido em mistério.

No plano existencial, as sensações de movimento e de quantidade do Espaço sem fim são a imediata presença da plenitude do Ser (sentimento do Infinito)¹⁹, que se tornará consciente na mediação do exercício judicativo, o qual revelará a verdade da dimensão espiritual da realidade²⁰. A *razão criacionista* é uma razão que não se basta a si mesma e que tem como radical origem a experiência pré-categorial e atemática do Mistério, no qual e pelo qual o ser e a verdade, simultaneamente, se ocultam e revelam. Nesta abertura ao irracional de si mesma e ao valor gnóstico da sensação, da intuição, da memória, do sentimento, da imaginação e da crença, a razão mistérica criacionista reconhece a pluralidade da experiência humana nas suas formas sensível, científica, estética, ética e religiosa e delas permanentemente se nutre no dinamismo inventivo de novas noções e relações.

De acordo com o *ideo-realismo* criacionista de Leonardo Coimbra, razão e intuição não são antagónicas mas estão complicadas no itinerário da experiência ontológica, unindo numa só luz estes dois poderes com o objectivo de uma metafísica visão integral, que seja verdadeira e essencial²¹. A teoria da Experiência ou teoria do ser criacionista reconhece que o trabalho do raciocínio não pode tudo racionalizar, porque defronta no seu discurso um irracional intuitivo em constante excesso²², o qual garante o seu dinamismo e o vivifica, num trabalho incessante do raciocínio sobre a intuição inesgotável²³.

Para o criacionismo, a reflexão inicia-se na experiência antepredicativa do Ser: o dado inaugural não se encontra na razão, mas antecede-a. O primitivo sentimento de existência e o pensamento intelectual radicam, essencialmente, no plano ontológico mais profundo do Mistério ou da *Alegria* originária da *Unidade Maternal*²⁴. A reflexão filosófica tem início

¹⁹ Cf. ADG, pp. 168-169 [208-210].

²⁰ Cf. RE, p. 281 [371-372].

²¹ C, pp. 279-280 [226].

²² «A acção racionalizante é contínua e persistente, é impossível separar a intuição da racionalização» (*ibidem*, p. 79 [59]).

²³ *Ibidem*, p. 86 [64].

²⁴ Cf. ADG, p. 47 [12].

num dado que é o dado do começo originário, que, não sendo arbitrário, também não é uma ideia inata ou um conceito *a priori*, mas procede da única fonte de conhecimento que esse dado pode apresentar, isto é, a *Experiência*. A experiência do ser, não apenas na sua expressão fenoménica da pluralidade dos entes, mas na sua presença radical que configura a própria condição do raciocínio e que pressupõe uma primordial visão. Um ver que não é a intuição intelectual de Descartes e Espinosa, impossível na finitude da temporalidade, mas que é a intuição na luz inteligível da *visão ginástica*, reveladora da dependência de todos os seres no Mistério do Ser.

3. O conhecimento discursivo da *visão aginástica*

Na dinâmica consciente do *acto segundo*, encontra-se o olhar do pensamento na vida dramática da existência, naquilo a que Leonardo chama de *visão aginástica* ou *diurna*²⁵, pela qual as criaturas em exílio e penitência vivem a saudade da harmonia e identidade eterna, ou seja, vivem o saudoso desejo da integral unidade relacional da originária comunhão maternal. Através da mediação da razão discursiva, em esforço de racionalização e interpretação, a experiência pensante procurará a linguagem mais adequada para traduzir o que é visado pelo ver da intuição no contacto imediato com o real. Neste plano, a relação cognitiva entre o pensamento e o ser não é de atemático e sintético envolvimento, mas sim de discriminação e destrição judicativa através de uma tradução simbólica que implica a ascensão da precariedade sensorio-perceptiva à estabilidade ideal das noções.

Na intemporalidade criadora do Amor de Deus, pela participação na memória divina em que os seres são eternamente presentes, o pensamento começa por conhecer as noções mais simples da realidade físico-química, passando pelo conhecimento da realidade biopsicológica e ascendendo, depois, às realidades sociológica e espiritual, pelas noções superiores de infinito, liberdade moral e eterna criação. A realidade vai sendo criada por noções, que não resultam da mera associação de sensações ou da simples espontaneidade do espírito²⁶, mas resultam da progressiva e dinâmica racionalização das intuições imediatas, que se vai fazendo em cada domínio científico a partir das noções recebidas das outras ciências e das experiências anteriores²⁷. Todo o processo cognitivo envolve o juízo, pelo que os conceitos e princípios que se dizem *a priori* são fruto da

²⁵ Cf. *S. Francisco de Assis: Visão Franciscana da Vida*, Porto, Maranus, 1927, in OCLC IX, p. 126. Passaremos a citar por VFV.

²⁶ Cf. C, p. 19 [5].

²⁷ Cf. *ibidem*, p. 45 [28-29].

actividade ascendente do pensamento, isto é, são resultado do concurso de experiências judicativas anteriores.

Por um lado, criar é recordar, não as ideias inatas pré-corporais vindas de uma dimensão exterior distante e absurda, mas as noções resultantes da actividade pessoal judicativa (*memória inventiva*). Por outro lado, criar é construir, na dinâmica relação entre a integração do domínio conhecido das experiências realizadas e a abertura à novidade do domínio por conhecer das experiências a realizar (*razão experimental*). Os objectos não são criações absolutas da sensibilidade e do entendimento, mas são criações na forma como são apreendidos e representados pelo sujeito, na actividade sintética do juízo. Para o criacionismo o ser de qualquer objecto é uma síntese *ideo-real* entre as propriedades formais e lógicas do juízo e as qualidades da realidade que afloram à consciência. A criação do real, que significa a construção do mundo do conhecimento progressivo, realiza-se na correlação entre o acordo e a experiência, a memória e a invenção.

Para Leonardo Coimbra não há intuições puras: aquilo a que se chama intuição, numa ciência, é aquilo que é *recebido*, que é *dado* e que é racionalizado noutras ciências²⁸. E, por isso, a experiência não é a recepção passiva das propriedades de *cousas* feitas, mas é uma realidade dinâmica, cuja amplitude e qualidade resulta do nível de desenvolvimento cultural de determinada sociedade e do nível de desenvolvimento emocional e intelectual de cada membro dessa sociedade²⁹. Não há formas aprióricas ou prévias determinações lógicas a que o real esteja sujeito, porque as categorias da intuição sensível também têm a sua origem na acção judicativa do pensamento. Por outro lado, a realidade não pode ser reduzida a nenhuma das suas dimensões e experiências parcelares (*cousismo*). A realidade não é um espelho do conhecimento ou uma projecção da subjectividade da consciência, mas resulta de um convívio com o pensamento numa permanente e revisável experiência de acordo. A realidade, excessiva nas suas primitivas relações, apresenta-se na sua relação com o pensamento como sempre inacabada. Na interacção do sujeito com o objecto, o pensamento criacionista labora incessantemente na unidade da intuição com a razão e da indução com a dedução e, liberto de princípios necessitantes, inclina-se para o *ideo-realismo* crescente da harmonia integral³⁰. Neste sentido, a realidade apresenta-se como o próprio movimento criador do pensamento³¹ na unidade indissolúvel do conhecimento e da acção ou da ciência e da moral³².

²⁸ Cf. *ibidem*, p. 21 [7].

²⁹ Cf. *ibidem*, p. 65 [46-47]; cf. *LI*, p. 256 [25].

³⁰ *PC*, p. 274 [183].

³¹ Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, p. 138.

³² Cf. *PC*, p. 276 [186].

Pela actividade judicativa o homem reconhece a dimensão espiritual do real e reconhece-se, não apenas como natureza que flui e matéria que transita, mas também como *memória* que o liberta desse fluxo e o resgata para a plenitude da eternidade originária³³. O contacto entre a realidade espiritual do monismo da razão e a realidade física do pluralismo da experiência dá-se na *razão experimental* pela actividade dinâmica conservativa e progressiva da memória e do juízo. Considerando que a *relação* não fica relegada para o plano do puro fluxo transitório e que a unidade encerra uma pluralidade que não é pura dispersão, Leonardo rejeita o monismo eleático, em que essa *relação* é absorvida pelo pensamento absoluto e a heterogeneidade do mundo é absorvida na unidade do Ser, e rejeita o ilusionismo kantiano, em que o mundo fenoménico se apresenta como ilusória aparência e em que a capacidade de conhecer se restringe a esse domínio da ilusão.

O criacionismo não aceitará uma cisão entre númeno e fenómeno ou Ser e aparência, porque considera que é precisamente nos seres que o Ser aparece ou se manifesta na sua eterna dinâmica criadora: tudo é Ser. Ao afirmar que «o Ser é Universo»³⁴, Leonardo Coimbra apresenta a sua ontologia pluralista, reconhecendo na aparência o valor de realidade: os mundos materiais são uma manifestação simbólica dos mundos espirituais e o movimento redentor da evolução conduzirá à sua integral consumação social. Num ritmo de permanente esforço ampliativo de assimilação e adaptação em confronto problemático das antecipações lógicas do saber anterior com as representações do novo saber, a experiência da actividade pensante vai organizando a realidade na relação entre forma e matéria, informação e conteúdo³⁵. A complementaridade entre o processo indutivo e o dedutivo permite esta construção da realidade no equilíbrio entre a identidade e o diverso, o mesmo e o outro, no sentido da unidade social da pluralidade, que é a vida da relação entre o pensamento e o real³⁶, num trabalho de indução construtiva que tende para a integração sintética³⁷.

4. O conhecimento mistérico-poético da *visão ginástica*

Pela dialéctica da máxima racionalização, das noções inferiores de possível experimentação científica chega-se às metafísicas noções superiores da *vida* de acção voluntária e consciente, quer no plano das diferentes coordenações espirituais, a que o autor dá o

³³ Cf. *RE*, p. 238 [313].

³⁴ *PFAQ*, p. 111 [115].

³⁵ Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, pp. 142.

³⁶ Cf. *ibidem*, p. 143.

³⁷ *Ibidem*, p. 167.

nome de *volume espiritual*, quer no plano da fonte amorosa e infinita dessa coordenação, definido de *hipervolume espiritual*³⁸. A dialéctica intuitivo-racional do pensamento criacionista culmina no salto metafísico da dialéctica racional experimental para o abismo contemplativo do Mistério do ser, tendo no silêncio e na comunicação poética as suas formas de inesgotável manifestação. O pensar poético é a forma de traduzir o íntimo diálogo de meditação com o ser, acolhendo a nova luz que do alto ilumina os caminhos do já pensado e adquirido. A noção de *visão ginástica*, que descreve a máxima ascensão do pensamento ao cume da Vida, representa a conversão espiritual de uma razão, que une ao discurso lógico-analítico a visão poética, que apreende o ser de forma analógico-intuitiva³⁹. É o momento em que o pensamento se redescobre, pela Graça, na unidade amorosa da Origem onde sempre esteve radicado. Trata-se do regresso espiritual do pensamento ao saber intemporal da relação arquetípica, em que a visão que daí se desprende é mais misteriosa do que enigmática e mais simbólica do que conceptual.

Pela Graça do espírito redentor Leonardo Coimbra admite a possibilidade de uma coincidência entre o ver contemplativo da *visão ginástica* e o pensamento atemático do ver intuitivo, anterior ao estado doloroso da discursividade, embora nos pareça, de acordo com a sua teoria da Criação redentora, que ainda e só na mediação prefiguradora da plenitude escatológica da vida eterna. O criacionismo vai defendendo a relação de desmesura entre o pensamento e a realidade incomensurável do Ser, pelo que o conhecimento perfeito e integral só será possível na Glória eterna da espiritualização universal, sendo que, ainda assim, isso não significará o desvendar do Mistério, pois este não tem carácter provisório, mas é a essência da eterna acção criadora de Deus em inesgotável excesso de Amor⁴⁰. A realidade transcendente que se manifesta na imediatidade da relação pré-categorial é conhecível de forma mediata e analógica pelas relações nocionais ou cognitivas, mas não se esgota nesse conhecimento. No entanto o transcendente não é pensado e concebido como limite do conhecimento, no sentido de *númeno* incognoscível, mas sim como *excesso* sobre o sistema de relações cognitivas. O pensar dirige-se para o absoluto, que não é inacessível e absurdo à razão, mas conhecível na imanência das relações criadas pelo pensamento como Mistério. A inadequação entre o pensar e o ser é representada pela noção de *excesso*: o ser que aparece e que se conhece não é o ser tal como ele é *em si*. A actividade judicativa do pensamento que procura compreender (em acto segundo) é antecedida, envolvida e sucedida, pela transcendência inesgotável do ser.

³⁸ Cf. C, p. 17 [3]; cf. RE, p. 290 [383].

³⁹ Cf. *A Filosofia de Henri Bergson*, Lisboa, INCM, 1994, p. 217.

⁴⁰ Cf. C, p. 369 [303].

O pensamento metafísico é o das noções últimas e superiores da fonte ideal da Vida. É a própria actividade progressiva do pensamento, que, no íntimo diálogo com o Ser, se apreende como eterna acção co-criadora⁴¹. A experiência ontológica significa um profundo diálogo meditativo com o ser⁴², que tem no seu momento último a conversão espiritual da inteligência (*visão ginástica*) da parcelar experiência científica para a unitária e integral *Experiência* de memória, beleza, verdade e amor. O sentido metafísico da Experiência apresenta a moral transcendente do teísmo como sentido último da Direcção que envolve a livre acção criadora e evolutiva do Universo. Neste plano, encontram-se a dialéctica filosófica e a dialéctica religiosa, que, através da *experiência* que resulta da íntima união da razão com a intuição⁴³ e com o sentimento, encontram na noção de Mistério a expressão última da realidade: Mistério que não é abismo de trevas, mas oceano de Luz e de fraternidade universal (amor, liberdade e criação) em que navegam as almas⁴⁴.

A consciência que se afirma no juízo e se liberta do fluxo na memória reconhece a dimensão espiritual (reflexão metafísica da *positividade filosófica*) – em que não apenas residem essas realidades, mas de onde dimanam o ideal artístico e o poder da acção moral – e vislumbra a possibilidade da Vida eterna no coração do Mistério: uma Vida que só no salto da Revelação e do lirismo metafísico pode ser dita e representada⁴⁵. Se o positivismo metafísico é racional e abrange todas as relações do coordenável do volume espiritual, contactando o volume físico da matéria, vida e memória⁴⁶, o lirismo metafísico é mistérico-racional e abrange a fonte mesma do coordenável, a qual é definida como actividade transcendente de amor e criação⁴⁷. A passagem do *volume espiritual* para este *hipervolume* já não é feita, da mesma maneira, pela sucessiva e ascendente construção dialéctica da síntese filosófica, mas exige um *salto*, que é um voo de confiança, em saudosa memória, no abismo do abraço divino, que se apresenta à consciência como irracional por excesso⁴⁸.

A história terrena da experiência consciente apresenta-se ao criacionismo como a imagem do esforço ético e religioso da vontade em atingir a eternidade. Para Leonardo Coimbra, o fundamento metafísico da *Experiência* reside na acção da livre vontade amorosa e no horizonte ideal da visão em Deus⁴⁹. O pensamento que advém desta von-

⁴¹ Cf. *ibidem*, pp. 16-17 [2-3].

⁴² Cf. ADG, p. 160 [195].

⁴³ Cf. C, p. 92 [70].

⁴⁴ Cf. «O mistério», in OC, vol. I, tomo I, 2004, p. 181.

⁴⁵ Cf. RE, p. 285 [376].

⁴⁶ Cf. RE, p. 291 [383]; cf. C., p. 17 [3].

⁴⁷ Cf. RE, p. 291 [383].

⁴⁸ Cf. *ibidem*, p. 291 [384].

⁴⁹ Cf. «A luta pela imortalidade», in OC, vol. II, p. 36.

tade moral é activo e criador e, na procura da cósmica fraternidade e da absoluta harmonia, revela a sua essência divina, que é a de ser imortal na procura de cumprir a lei cósmica do Amor⁵⁰. Considerando que Mistério do Ser não é absolutamente obscuro e inacessível à inteligência e, por isso, não é uma força cega e arbitrária, a expressão *visão ginástica* também servirá para falar da Graça iluminadora que permite falar do Infinito de Deus⁵¹.

Mas, sendo de outra ordem, esta *visão ginástica* não pode ser contraposta ao carácter racional do pensamento, porque o criacionismo não admite que possa deixar de haver uma continuidade relacional entre os diferentes níveis de ser, sob pena de se perder a sua unidade inteligível e de se entregar o mundo à mercê do arbitrário e do absurdo. A subida ao cume da Vida e à vidência dos domínios infinitos do divino é o culminar da síntese dialéctica. Não se concretiza por imposição de uma revelação absolutamente externa à consciência, mas sim por exigência do próprio dinamismo racional, porque para o criacionismo a *visão ginástica* não é ainda o perfeito conhecimento em Deus ou «o conhecimento sob espécie eterna de Espinosa»⁵², pois este só é possível na visão beatífica da vida eterna da absoluta liberdade espiritual do coração do Ser e não na vida temporal da realidade contingente⁵³.

Esta visão, sendo a visão da Presença pela luz da Graça, podendo recolher-se no silêncio do estado *apofático*, é ainda uma visão do pensamento que se oferece pela dinâmica mediadora da realidade simbólica. Para Leonardo Coimbra, a verdadeira revelação é aquela que pode ser justificada pelo pensamento, sendo que este não se reduz à razão lógico-analítica. Neste sentido, ciência, arte, moral, filosofia e religião são obras edificadas pelo pensamento da pessoa: «Só é real o que o pensamento justifica, construindo-o»⁵⁴. Explica Leonardo que no cume da ascensão dialéctica há uma zona comum aos dois Universos, o físico-espiritual e o espiritual puro, e é daí que as almas são atraídas para o Sol espiritual do Infinito Amor: o *hipervolume espiritual* é o Sol da Divindade que enche a realidade da sua Presença e que consiste no perfeito amor de companhia da Consciência-Deus com as consciências⁵⁵.

Na dinâmica harmonia do Universo tudo está orientado para a Vida infinita e transcendente da Caridade divina⁵⁶. Pela cooperação entre a liberdade humana (esforço e mérito)

⁵⁰ Cf. *ibidem*, p. 37.

⁵¹ Cf. *VFV*, p. 67.

⁵² *RE*, p. 167 [218].

⁵³ Cf. *ibidem*, p. 25 [25].

⁵⁴ *C*, p. 319 [258].

⁵⁵ Cf. *RE*, p. 292 [385].

⁵⁶ Cf. *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1935, p. 73.

e a liberdade divina, a Vida é o caminho para o mundo espiritual da omnipresença perfeita do Amor de Deus, que se consuma no fim dos tempos, quando a matéria se incendiar no fogo da pura luz redentora⁵⁷. A salvação para a eterna Glória da absoluta Presença divina encerra um resgate universal, porque o *espírito de companhia* da evolução socorre o Universo de se perder no Nada e redime o homem da condenação eterna, mas isso não dispensa a conversão da inteligência e da vontade à luz da sua Sabedoria e do Seu Amor⁵⁸. Uma evolução que é concebida, não sob a forma determinista do naturalismo positivista, mas como o amoroso ritmo da consciência criadora de Deus⁵⁹.

⁵⁷ Cf. *RE*, p. 294 [387].

⁵⁸ Cf. *RE*, p. 296 [389].

⁵⁹ Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, p. 167.

